

O olhar míope frente ao idoso em “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector



*João Pedro da Silveira Neumann
Luciana Helena Mussi (monitora)
Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)*

Clarice Lispector, escritora ucraniana nascida em uma família judia, no início de dezembro de 1920, veio com aproximadamente um ano e dois meses de idade para o nordeste brasileiro onde residiu até os nove anos quando muda-se para o Rio de Janeiro. Utilizou a literatura como escape quando cursava Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (antiga Universidade do Brasil), abandonando o curso e iniciando os estudos de literatura em uma faculdade particular.

De acordo com Rosenbaum (2002), Clarice é consagrada pelos romances, crônicas e contos - há quem os considere a melhor parte de sua obra - entretanto nunca se considerou profissional afirmando, em entrevista a TV Cultura, que escrevia quando queria, não tendo o ato da escrita como uma obrigação.

O conto é classificado, segundo o escritor argentino Júlio Cortázar (1974), como o relato de um acontecimento falso, podendo este ser tanto oral quanto escrito. O conto clássico, como aponta Gotlib (1988) é constituído de uma

unidade dramática resultando, assim, apenas de uma ação consequente de forma sequencial, linear e progressiva; “o romance está para o cinema assim como o conto está para a fotografia”, afirma Cortázar.

No livro “Água viva”, lançado em 1973, Clarice Lispector afirma:

Que mal, porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais, desta forma, percebe-se uma ruptura com o conceito do conto clássico, revitalizando o conto psicológico tão utilizado por Machado de Assis, porém agora não mais sob os véus da ironia e da teatralização humana e sim sob os enlaces divagantes e perturbadores da filosofia e da psicologia. (LISPECTOR, 1998 a: p.12)

O conto psicológico, segundo Hohlfeldt (1981), pode ser estruturado de forma que o seu tempo não é cronológico, tendo maior relevância o tempo interior da personagem do que o decorrer dos fatos em si.

Na infância a escritora já mostrava sua preferência por esse tipo de escrita, e quando tinha aproximadamente 10 anos escrevia histórias infantis que eram rejeitadas por não conter fatos e enredo, somente sensações. Um grande exemplo de conto psicológico é “Resto de Carnaval”, no qual o sonho de participar de uma festa de carnaval em Recife é retratado nas páginas do livro “Felicidade Clandestina” lançado em 1971.

Escrito em primeira pessoa revela a insatisfação de uma menina ao não poder participar dos carnavais de rua, por não possuir fantasia já que sua mãe se encontrava doente, era de baixa renda, e ninguém tinha tempo para “carnaval de criança”. Ao receber os restos de papel crepom de outra fantasia, ela entra em êxtase quando percebe que irá festejar com sua cidade. Logo sua mãe passa mal e ela precisa ajudá-la tendo que abandonar as festividades e só aproveitando o final da festa, fazendo-a ser representada como o resto - fantasiada com os restos do carnaval de outro e cuidando dos restos da vida de sua mãe.

A intenção de demonstrar, principalmente, como o personagem é tratado, como vê o mundo e a si próprio, valorizando o sentimento e a sensação contra o tempo cronológico é o que distingue o conto psicológico do conto cronológico, e principalmente, a literatura “clariceriana”.

No esteio das rupturas feitas pela escritora ucraniana nos deparamos não apenas com a forma composicional, mas também com o tratamento da temática escolhida. Em muitos dos contos o velho era sempre tido como uma personagem de sabedoria inigualável, sendo constantemente consultado e transpassando seu conhecimento para as gerações mais jovens.

Neles, nunca se questiona o conselho de um idoso, pois ele já havia passado por mais situações, já era “entendido” sobre o mundo e, por assim dizer, conseguia sempre distinguir o trigo do joio. Com o passar dos anos, com o avanço da tecnologia e o aumento da prepotência do ser humano, esse cenário quase místico foi completamente alterado, de forma que o ancião, como antes era chamado, se tornou alguém sem condições alguma para dar sua palavra.

Ao pontuarmos isso, podemos comparar a visibilidade do idoso na própria família com um desenho feito à lápis. Quanto mais tempo vai passando, mais os traços se tornam invisíveis aos olhos até desaparecerem, como se fossem uma folha amarelada. Em uma sociedade onde o imediato é valorizado, o idoso perde cada vez mais terreno dentro de sua própria família. As decisões são agora tomadas por seus filhos e netos, consequência de um pensamento no qual estes são os únicos conscientes do que é melhor ou pior para eles.

Clarice Lispector consegue capturar essa realidade ocidental em seu conto “Feliz Aniversário”, presente no livro “Laços de Família”, lançado em 1959. O conto retrata o aniversário da matriarca Anita, completando 89 anos de idade.

Imersa num ambiente totalmente hipócrita ela se encontra obrigada em sua festa de aniversário, ignorada por todos os familiares convidados, que dão mais importância ao que estão vestindo e aos negócios.

O conto psicológico se desenvolve como um monólogo interior em que a velhice é vista apenas como um presságio da morte. Ali nada agrada Dona Anita, ninguém a escuta. Dentre os vários trechos a citar para demonstrar o quão míope é o olhar nessa família frente a Anita, a descrição da preparação da mesma para a própria festa se mostra a mais fidedigna:

Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele cheiro de guardado – sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. (LISPECTOR, 1998 b: p.55)

Fica claro que Dona Anita é considerada um estorvo na própria família. Zilda, sua única filha mulher, é quem toma conta de Anita, provavelmente deixando-a trancada dentro de casa, buscando mascarar esse comportamento da família quando borrafa-lhe água-de-colônia. Além disso, outro fato que marca esta passagem é quando Dona Anita está pronta e fica sentada sozinha no salão de festa às duas horas da tarde, sendo que seu aniversário começaria só duas horas mais tarde.

Esta é, de certo, uma atitude vista em vários lares brasileiros, nos quais não é dado nenhum tipo de voz ativa ao idoso, que vai morar contra sua vontade na casa dos filhos ou é colocado (abandonado) em casas de repouso (SOUZA, 2003). A ideia de cuidar de seus pais quando idosos é, para alguns, tão

repulsivo que eles são deixados de lado, tendo apenas suas necessidades básicas como comida e higiene atendidas.

Durante todo o aniversário, Dona Anita fica sentada à cabeceira da mesa, com as cadeiras coladas à parede como se fosse “uma festa em que se vai dançar”, apenas observando seus “familiares” conversando e, principalmente, se empanturrando com a comida. Nada ali representa o verdadeiro significado de família. Não há demonstração de afeto, carinho e amor real.

Além disso, a disposição da mobília sugere a cena de um velório no qual o morto ocupa o centro geográfico e também o centro das atenções, porém todos os convidados carregam o íntimo desejo de que tudo termine logo. O bolo é cortado e, por assim dizer, a festa também. No fundo, ao contrário de uma celebração da vida – os 89 anos de Dona Anita – verifica-se um prenúncio da morte: “dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha” (LISPECTOR, 1998 b: p.59).

A velha consegue apresentar apenas um único ato de própria vontade: cospe no chão. Todos reagem de forma assustada e enojada, perplexos com a atitude da matriarca da família, que com este ato demonstra nojo da hipocrisia de todos os seus familiares. Ela os odiava.

[...] ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os...Todos aqueles seus filhos, netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração. (LISPECTOR, 1998 b: p.60)

Finalmente, quando todos vão se despedindo do evento anual com Anita, surgem vários comentários sobre a possibilidade de seu aniversário de 90 anos. Nenhum deles demonstra o interesse frente o decorrer do ano, como ela se sentiria, mas sim, se conseguiria sobreviver mais um ano ou não. Todos os beijos dados eram encarados por Anita como uma armadilha. Todos se mostravam mascarados, idealizados por um conceito de família que apenas Dona Anita conseguia perceber que não era real. Ela, mesmo com idade, era a única que conseguia ver claramente toda a mentira que se manifestava no local: “Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério” (LISPECTOR, 1998 b: p. 67).

Assim, se antes eram vigorosos e bem delineados os traços que contornavam o ser adulto, agora na velhice esses traços tornam-se fracos ou quase nulos. O velho em “Feliz Aniversário” é “carne de joelho”, está inserido na hipocrisia familiar e excluído da visibilidade social. A única pessoa que consegue olhar para ela é Cordélia, a nora, pois Dona Anita entende que, por não ser da família sanguínea, é a única que não celebra a falsidade familiar: Cordélia

olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo (LISPECTOR, 1998 b: p.63).

De acordo com a análise constatamos que em Clarice Lispector o velho está associado à imagem da exclusão, do abandono, cada vez mais associado à solidão e melancolia. Conforme transcorre a narrativa aumenta-se o tempo do esquecimento restando ao idoso apenas aguardar a morte. Como afirma Bosi (1999), a relação imposta entre o adulto e o idoso é marcada pela incompreensão, pela falta de tolerância com o outro, sem o calor da sinceridade. Ignoram-se os velhos, não se discute com eles, suas opiniões não são questionadas; negam-lhes a oportunidade de desenvolver aquilo que só permite-se a quem amamos: alteridade, contradição, afrontamento e o conflito.

Referências

BELLO, D. *Laços de Família: Da Epifania à Realidade*, 2014. Disponível em <http://www.atitudeterra.com.br/2014/04/lacos-de-familia-da-epifania-realidade/>. Acesso em 29/05/2014.

BOSI, E. *Memória e sociedade – lembranças dos velhos*. (7ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CORTAZAR, J. Alguns aspectos do conto In: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974: 147-163.

GOTLIB, N.B. *Teoria do conto*. (4ª. ed.). São Paulo: Ática, 1988.

HOHLFELDT, A.. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

LISPECTOR, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 a.

_____. Feliz Aniversário. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 b.

_____. Restos de Carnaval. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 c.

ROSEMBAUM, Y. (2002). Clarice Lispector <http://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/02/rosenbaum-yudith-clarice-lispector.pdf>. Acesso em 29/05/2014.

SOUZA, J. L. C. de. Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada. *Revista Trilhas (UNAMA)*, Belém, v. 4, n. 1, p. 77-86, 2003. <http://sites.unifra.br/Portals/36/Artigos%202009%20CH/01.pdf>. Acesso em 29/05/2014.

VÍDEO. Panorama com Clarice Lispector. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em 29/05/2014.

Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.

João Pedro da Silveira Neumann - Aluno do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 5º semestre. Email: jpedro.neumann@gmail.com

Luciana Helena Mussi – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: lucianahelena@terra.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes – Supervisora do Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduados em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: ruthgclopes@pucsp.br